



CASSIONEI NICHES PETRY

**CACOS E
OUTROS**

DE NA CAS

Editora Penalux
Guaratingetá, 2017





EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260
penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Fabiano Felten

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
TEA - Tudo para Editoras e Autores

CRÉDITO DA IMAGEM
Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P498c PENTRY, Cassionei Niches, 1979 -
CACOS E OUTROS PEDAÇOS
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

92p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-152-4

1. Contos I. Título

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.





ELES

Quem são eles? Quem eles pensam que são?

3ª do plural, *Engenheiros do Hawaii*

Eu só queria escrever uma história sobre vampiros. Estava na moda, pelo menos quando comecei a escrevê-la. Já na metade do livro, porém, os zumbis passaram a tomar o lugar dos dentuços e, perto do final, apareceram os anjos. Nessa altura dos acontecimentos, o livro foi para a lixeira do computador. Começo a escrever agora um novo livro, que não será uma criação original minha, mas sim deles. Quem são “Eles”? “Eles” serão os protagonistas dos próximos best-sellers, segundo eles próprios me informaram. E eu serei o escritor de maior sucesso. É o que estão me garantindo, se seguir suas orientações.

A minha inspiração surgirá numa realidade que eu devo construir sob orientação deles. É só reescrever literariamente os textos dos manuscritos que me serão entregues nos próximos dias, sem uma regularidade estabelecida. Já recebi o primeiro hoje. Depois de feito o serviço, posso publicar o romance. Dizem que, se eu mandar para qualquer editora, o livro será publicado.

Disseram-me também que eu devo postar nas redes sociais o que estou escrevendo. Farei isso, mas com pseudônimo, Robert Marston. Quero ver a reação das pessoas sobre a história, seus comentários e, por que não, sugestões. Sei que para vocês, leitores, tudo isso pode parecer loucura, que as vozes que ouço e os manuscritos que vou receber são





imaginações de uma mente perturbada. Para mim, tudo é real. Não quero, porém, ser apontado na rua ou ter meu nome manchado nas redes sociais. Por isso o pseudônimo. Um dia, talvez, mostre os manuscritos.

Durante a semana, posto o primeiro capítulo. Espero que as reações sejam positivas, mas podem ser negativas também, desde que façam a história repercutir. Tenho medo de não corresponder às expectativas deles. Não sei o que acontecerá comigo se falhar. Ainda não sei exatamente quem são “Eles” e o que são capazes de fazer.





ALICE

Dudu era um garoto como outro qualquer da sua idade. Gostava de futebol, de andar de bicicleta, jogar vídeo game, de assistir à televisão, de ouvir música. Diferentemente da maioria, porém, gostava de ler. Começou com a coleção de gibis dos seus tios e, depois, passou a ler histórias sem ilustração nenhuma. Aventura, ficção científica, terror. Um dos seus tios, advogado, também gostava de ler e o presenteava com alguns livros de sua biblioteca.

Na adolescência, Dudu começou a escrever seus próprios livros. Datilografava suas histórias na Olivetti que herdou do tio. Escrevia e guardava tudo na gaveta de sua escrivaninha. Depois do terceiro livro, desistiu de escrever. O tio, seu maior incentivador, havia se mudado para outra cidade para exercer a advocacia. A Literatura foi deixada de lado.

Começou a ir a festas, se envolver com garotas, beber, até chegar às drogas. Numa noite de porre e muita maconha, chegou em casa e leu um bilhete deixado pela sua mãe: era para ligar para seu tio. Discou o número e, do outro lado, ouviu uma voz baixa dizer: “Eles querem que você abra a gaveta, meu sobrinho”. Abriu-a. Uma luz forte o envolveu e ele foi tragado para o interior do móvel, tal qual Alice no filme de Švankmajer.

Quando a mãe entrou no quarto, não encontrou o filho. Apenas uma palavra escrita na velha Olivetti: “Eles”.





ELES QUE SE DANEM

A mulher pegou suas coisas e se foi. João ficou olhando quieto, não entendendo bem o porquê da atitude. Iria ficar sozinho, ainda mais depois que o filho casou. Será que ela estava esperando só isso para ir embora? Está certo que estavam brigados há anos, mas não esperava que ela abandonasse a casa. O que seria dele agora, tão dependente da mulher? Não sabia cozinhar, lavar roupa... Teria de pagar alguém, o que consumiria quase toda a minguada aposentadoria. O que doeu nele ainda mais foi que ela nem disse adeus.

Como companhia, agora, os amigos do bar. Era aonde ia todo o dia depois que se aposentou: jogar cartas, beber, conversar, observar o movimento na rua... Se ao menos tivesse uma mulher, mas nem isso conseguia, e, apesar disso, foi acusado pela ex de ter uma amante. Logo ele, tão retraído. Ela esquece que se, no começo, não tivesse mandado um recado por uma amiga dizendo que estava a fim de namorar com ele, jamais os dois se casariam.

Arrumar uma empregada que limpasse a casa, lavasse a roupa e cozinhasse não foi difícil, mas sabia que agora o dinheiro seria pouco. Cerveja, só de vez em quando; tinha que apelar pra pinga mesmo. E foi um companheiro de cachaça que indicou sua filha para trabalhar na sua casa:

– Ela tá estudando de noite num curso técnico e precisa trabalhar pra pagar os estudos. Ela é bem caprichosa, tu não vai se arrepender.





O brabo é se acostumar com uma pessoa estranha na casa, pensa ele, enquanto aguarda a moça. Mesmo sendo só algumas horas do dia.

Ela chega pontualmente no horário marcado e se apresenta:

– Meu nome é Maria.

João fica constrangido, pois o vestido da moça tem um decote do qual não consegue desviar os olhos. Também não consegue deixar de reparar que o vestido é curto e deixa à mostra as lindas pernas, mas se recrimina, pois ela deve ter idade para ser sua filha.

– Onde fica a cozinha, Seu João? Pelo adiantado da hora vou começar fazendo o almoço.

Dorme no sofá de bruços e o microvestido deixa à mostra sua calcinha branca aquela miragem não não é velho coisa nenhuma quarenta anos tá certo ela tem idade pra ser minha filha etc. além do mais é filha do meu amigo enfim mas ela tá provocando acho que ela quer por que não que pele macia ela tá acordando não posso mais voltar atrás ela me olha diz continua tiro sua calcinha e beijo sua bundinha ela geme agora minha língua ela empina sua bunda e abre as pernas pra isso não tem diferença de idade sua mão no meu pau sua boca no meu pau minha língua na sua buceta kama sutra cântico dos cânticos dedo no cuzinho por que não a língua ele grita ai que bom não grita tão alto por favor ah fodam-se os vizinhos foda-se o mundo o que os outros vão pensar ah seus seios durinhos tudo no lugar ela senta no meu pau ela domina ela é mais velha sou uma criança e ela não se sente culpada não não vou me sentir culpado agora seu cuzinho apertadinho ela continua no domínio grita pode gritar também vou gritar sua boca agora quer leite me masturba sim sim sim agora eles batem na porta eles que se danem que se dane o mundo.





O RECADO

Estás demorando muito para organizar os manuscritos. Deves te dedicar mais ao trabalho, caso contrário pode acontecer algo na tua vida pessoal.





CACOS

Carlos via seu rosto no espelho quebrado do banheiro. Os cacos representavam sua condição: pedaços de um homem que já não era mais o mesmo. O espelho, que nunca foi trocado, já refletira vários rostos dele. A cada dia era outro. O soco desferido naquele objeto que o encarava todos os dias tornou sua imagem mais fiel.

Alguns cacos caíram na pia. Vários Carlos apareceram. Eles debochavam de sua cara, riam dele. Juntou-os e os jogou no lixo. Depois lavou sua mão ferida.

Sobre o sofá do pequeno apartamento onde morava, esperando para ser lido, *O homem despedaçado*, do Gustavo Melo Czekster. Comprou-o por causa do título, lógico. O conto, como gênero literário, retrata pedaços de nossas vidas. Pegou o livro e o jogou de encontro à parede. Caiu no chão perto de outro volume, *Estilhaços*, do Marcelo Backes. Aforismos que lhe cortaram muito mais do que o soco no espelho.

Ouviu vozes bem baixas, quase sussurros, mas que pareciam vir de dentro do apartamento. Depois, um barulho de algo batendo no chão. Era a lixeira. Da entrada da cozinha, ficou olhando para aquele objeto que tinha como função recolher os pedaços do que sobrava de sua vida, aquilo que não tinha mais nenhum valor, aquilo que sujava, que fedia, embolorava, rasgava. “Diga-me que lixo produz que te direi quem és”.





 penaluxeditora@gmail.com

 [penaluxeditora](#)

